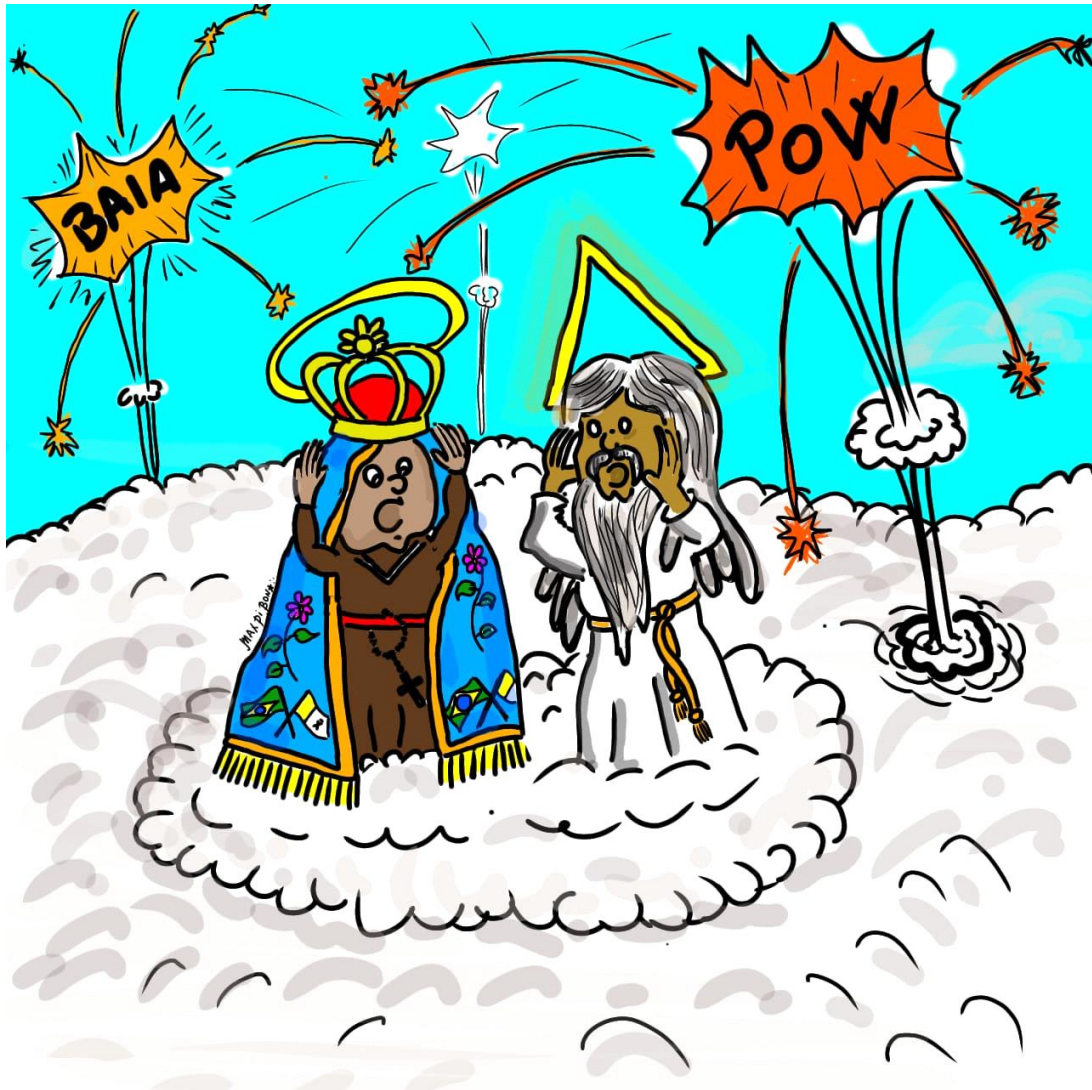


VIVA NOSSA SENHORA APARECIDA



Este causo, diz respeito a duas características culturais marcantes da cidade de Siderópolis: a religiosidade de nosso povo e as características temperamentais dos descendentes da imigração italiana.

Todos nós já sabemos que os italianos, em sua maioria, tem um jeito bem peculiar, alegam que falamos com as mãos. O fato é que, não é difícil constatar isso ao falar com um descendente italiano, basta observar, que as falas sempre vêm acompanhadas de vasto repertório gesticular; o que ao meu ver, deixa a narrativa mais atraente e realista. Isso faz com que o ouvinte precise manter certa distância, mas isso não justifica o fato do italiano falar alto, isso também é uma característica nossa, que aliás deixa muita gente perplexa. Falam os desavisados, que parece que estamos sempre brigando, minha companheira que o diga.

A religiosidade também é algo muito presente na cultura ítalo-brasileira, e a devoção por algum santo faz com que em seu dia, muitos façam homenagens. O primeiro padroeiro da cidade de Siderópolis, quando ainda era distrito de Urussanga e se chamava Nova Belluno, foi São João Batista, nomeado pelos primeiros imigrantes que chegaram aqui. Em homenagem a ele, tínhamos boas festas de São João, ou as famosas festas juninas, que já foram tradicionais por aqui, mas, que infelizmente andam meio esquecidas.

O padroeiro foi substituído em meados da década de 1940 por Nossa Senhora Aparecida, por influência de Companhia Siderúrgica Nacional-CSN, que com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial procurava fortalecer os símbolos nacionais, a relatos, que inicialmente, alguns devotos de São João não gostaram da “imposição”, mas esse é assunto para um outro momento. O fato é que, com o tempo, Nossa Senhora Aparecida foi ganhando mais devotos se firmando como um dos símbolos da cidade.

O dia 12 de outubro, dia de Nossa Senhora Aparecida, é feriado nacional e em Siderópolis, o dia é dedicado a padroeira. Iniciando com a Santa Missa, seguida da benção dos carros e a tradicional festa com almoço no salão paroquial, o costume é que neste dia um caminhão percorra a cidade em procissão com um sino badalando.

Um costume mais antigo na cidade, e a nível nacional, é a queima de fogos de artifícios ao meio-dia, vários fiéis soltam fogos em suas casas espalhadas pelos cantos da cidade, uma tradição questionável na minha opinião, sabendo que em vários municípios do Brasil e do mundo a queima de fogos de artifício é proibida dado os seus impactos negativos no meio ambiente, mas, esta também é uma conversa para outro momento.

Pois bem, o dia de festa e a impulsividade do povo italiano não poderia deixar de render uma bela história. Como em toda cidade, Siderópolis tem suas figuras, aquelas pessoas lendárias que volta e meia solta suas pérolas que são sempre lembradas. É comum que os habitantes do centro da cidade achem cômico o jeito do italiano, sobretudo, os do interior a quem chamam de “colono”.

Havia na cidade um senhor, “talianão” daqueles, que além do jeito peculiar, o povo comenta suas proezas. Relatam por exemplo, que certa vez o psicólogo chamou o senhor, o filho dele era um tanto arteiro e andava dando trabalho em casa e na escola, para surpresa do pai o conselho do psicólogo foi direto:

– Olha, o senhor precisa dar mais carinho para seu filho.

E o pai esbravejou, com aquele sotaque carregado pela influência do dialeto italiano: (tentem imaginar ele falando):

– “Carinho”? Eu dou bastante “carinho”, mas ele quebra tudo “dio cane”!

Já perceberam né? Ele confundiu carinho de afeto com carrinho de brinquedo, e de quebra soltou uma blasfêmia, e isso é outra característica do povo italiano, que quando está incomodado ou na impulsividade solta aquelas blasfêmias que já ouvimos muito por aí: “Dio cane”, “porca madonna”, “porco dio”. Que Deus me perdoe mencioná-las aqui, mas ele há de saber que é meramente ocasional, apesar que por vezes também já soltei algumas no calor do momento, muitas vezes a gente fala sem saber o significado, ou por impulsividade mesmo.

E foi justamente no estímulo do momento que se deu a história, era 12 de outubro e como de costume ao meio-dia os fogos começavam a estourar por toda a cidade, devoto, o senhor citado também resolvera prestar homenagens a Santa, buscou uma caixa de foguetes que comprou especialmente para a ocasião, abriu, acendeu o pavio e empunhou o bastão apontando para o alto, no momento que o artifício explodiu no ar, no calor de toda aquela adrenalina, o senhor decidiu expressar verbalmente sua devoção, exclamando aos gritos e entusiasmado:

– Viva nossa Senhora Aparecida, “porco Dio”!

Para quem não entende o significado e a contradição, “porco Dio” seria na tradução livre “Deus porco”, convenhamos, contraditório com o momento de adoração, mas são coisas que o povo comenta!

Narrador e ilustrador: Macsuel De Bona, historiador, pós-graduado em Patrimônio Cultural